

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º à entrega
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	40000	20000	7000	5120
Extrang. (união geral dos correios)	53000	26500	8500	5120

18.º Anno — XVIII Volume — N.º 584

15 DE MARÇO DE 1895

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, estrada pela T. do Convento, de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Depois de vinte dias de ausencia motivada por um aggravamento na doença, que ha perto de seis mezes me retém em casa, eis me de novo a occupar o meu posto, em que tão bem substituido fui, durante o meu descanço forçado, por um velho amigo e querido companheiro, que ao mesmo tempo que é um escriptor distincto e um chronista brilhante é uma das glorias artisticas do theatro portuguez de hoje.

Volto ao meu posto, não restabelecido de todo, infelizmente, nem me parece facil qualquer doente restabelecer-se emquanto o terrivel inverno, que este anno tem desacreditado o nosso clima, nos não obsequiar com a sua ausencia, mas um pouco melhor, o bastante para tentar desempenhar me da minha missão de chronista, contando rapidamente, embora apenas sobre informações, os acontecimentos principaes da semana lisboeta.

E nunca essa missão foi mais grata, mais agradavel do que hoje, porque nunca entre os acontecimentos fornecidos á chronica de Lisboa houve algum mais alegre, mais festivo, mais jubiloso, mais triumphal, do que essa excepcional homenagem da Patria a João de Deus, essa apothese gloriosa, como raras se fazem aos grandes mortos, feita a um vivo que é nosso patricio, que nós todos conhecemos, que nós todos estimamos, que nós todos adoramos, que é enorme pelo talento, enorme pelo caracter, enorme pela bondade!

Foi a primeira vez que na nossa terra se fez uma festa assim a um vivo e ainda bem que se fez — foi uma obra de justiça, que com certeza a posteridade rubricará com a sua chancellá.

E não foi uma festa feita por uma classe ou por outra classe — foi uma festa feita pelo paiz inteiro, desde El Rei, que pondo de parte as pragmaticas e etiquetas palacianas foi pessoalmente a casa do grande poeta, no dia dos seus annos, offerecer-lhe as insignias da gran-cruz da ordem de S. Thiago, até ao povo que se agglomerou defronte das suas janellas, victoriando-o, quando os estudantes de todas as escolas do paiz iam em imponente e triumphal cortejo glorificar o grande poeta.

Em outro artigo o Occidente refere-se hoje a essas brilhantes e entusiasticas manifestações dos estudantes a João de Deus, dos estudantes que durante tres dias e tres noites alegraram a cidade com a sua alegria ruidosa, mudando-lhe completamente o aspecto grave e burocratico, que d'ordinario ella tem e por isso limitamos a registrar apenas aqui essas festas excepcionaes, que solemnisam o 65º anniversario do grande lyrico portuguez, congratulando-nos com o paiz pela sua grande e bella obra de justiça.

Outro acontecimento importante da semana, foi a partida do 1.º troço da segunda expedição militar para Lourenço Marques, partida que se realisou na terça feira 12 do corrente ao meio dia. As forças da expedição compunham-se de 15 officiaes, 244 praças de pret, 3 cavallos e 10 muares, além de 13 officiaes, 5 sargentos e 72 marinheiros de armada que vão ser destruidos pelos navios que fazem serviço em Moçambique.

O commandante das forças é o sr. coronel Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo, e seu ajudante o tenente de infantaria 7, o sr. José Diogo Rodrigues Madeira.

A expedição é constituída da seguinte forma :
Commando das forças : 2 officiaes, 3 praças e 2 cavallos.

Companhia de engenharia : 5 officiaes e 78 praças.

Companhia d'artelheria de guarnição : 4 officiaes e 108 praças.



MARQUEZA DE RIO MAIOR

Secção d'artelheria de montanha: 1 official, 35 praças, 1 cavallo, 10 muares.

Esquadrão de cavallaria: 2 officiaes e 11 praças.

Secção d'administração militar: 1 official e 2 praças.

Secção de material de guerra 7 peças.

Ao embarque das tropas assistiram os srs. ministros da marinha e da guerra.

Sua Magestade El-Rei não assistiu por se achar ligeiramente incommodado de saúde.

Houve muito entusiasmo a bordo, discursos e saudes eloquentes, scenas commovedoras como ha sempre n'estes momentos de separação e as tropas expedicionarias partiram cheias de brio, de boa vontade e de alegria no cumprimento do seu dever.

Nos theatros tem havido algumas novidades e annunciam-se outras de sensação.

O Gymnasto encontrou finalmente, ao que parece, um grande successo, com a representação da comedia em 3 actos *A Madrinha de Charley*, que ali-subiu pela primeira vez a scena na noite do beneficio do illustre actor Valle.

A Madrinha de Charley, é uma comedia ingleza que tem tido um grande exito em Inglaterra, na Allemanha, em Italia, e ultimamente em Paris onde se deu traduzida no theatro Cluny e onde festejou ha noites as suas 200 representações.

A peça é muito simples, muito ingenua, muito honesta, tem graça ás pilhas, graça de situação e toda ella joga sobre equívoco de ser tomada por uma velha, pela madrinha de Charley, um rapaz que estava vestido de mulher para entrar n'uma recita de estudantes.

O estudante que é tomado por velha ingleza é o Valle, e facil é calcular o que elle será e o que elle fará d'esse papel.

A peça foi excellentemente traduzida pelo nosso presado collega o sr. Moura Cabral e está chamando ao Gymnasto grande concorrência.

No theatro de D. Maria, realisou-se no dia 11 a recita do auctor do *Velho Thema*, sendo o sr. Marcelino de Mesquita muito applaudido e muito brindado, e está nos ultimos ensaios o novo drama do sr. Eduardo Schwalbach *Santa Umbelina* que deve subir á scena na quinta feira 14.

Em S. Carlos realisa-se hoje, que escrevemos, o beneficio da prima dona Regina Pacini com a primeira representação em Lisboa da opera de Massenet *Manon Lescaut*, opera que é considerada pela critica musical como a obra prima do illustre auctor do *Roi de Lahore* e do *Cid*.

No theatro de D. Amelia onde tem tido grande exito as *tiples* hespanholas Elena Gonzalez, que já partiu para Montevidéu, e a sr.^a Zaragosi, uma cantora no genero flamenco, vae estreiar-se uma novidade para Portugal, uma companhia Viennense de quadros vivos, em que ha lindissimas mulheres, segundo se diz, e q e em Paris teve enorme exito.

Na Trindade está em ensaios d'apuro uma peça fantastica imitada do italiano pelos srs. Acacio Antunes e Sousa Bastos, a *Fada do Amor*, e que deve subir á scena por estes dias; na Rua dos Condes prepara-se uma *reprise* da *Tosca* para o beneficio da actriz Amélia Vieira; no theatro d'Avenida uma opera comica do sr. Campos Junior e musica do maestro Carlos Calderon, para estreia da actriz Angela Pinto e como se vê no vidades não faltam pelos nossos theatros.

Que todas as peças novas sejam peças boas é os votos que fazemos pelas emprezas, pelos auctores e pelo publico!

Gervasio Lobato.

A SENHORA MARQUEZA DE RIO MAIOR ¹

Tudo, no solar da Annunciada, são illustres memorias, gloriosas recordações do passado. Reuniram-se ali tradições e pergaminhos de muitas familias distinctas. Os retratos que pendem ao longo das salas receberam já a consagração da Historia.

O marquez de Rio Maior, quarto conde do seu titulo, decimo nono representante do morgado d'Oliveira, era bisneto de uma filha do grande marquez de Pombal, e sobrinho, portanto, do duque de Saldanha, — a primeira espada do cerco do Porto, o vencedor portuquez do famoso Bourmont.

D. Antonio da Costa pōz em chronica um dos

memoraveis saraus do solar da Annunciada no tempo de Pombal: apothéose em que o genro e a filha do insigne ministro de D. José, rodeados de sabios e poetas, o coroaram de louros.

A mãe do marquez terceira condessa de Rio Maior, D. Izabel, filha dos primeiros condes de Villa Real, fôra « incansavel propugnadora da beneficencia em Lisboa, a protectora desvelada do asylo das cegas da rua Formosa, a iniciadora e defensora zelosissima do benemerito principio da organização parochial das associações de assistencia publica. »

Ao brazão de familia da condessa D. Izabel não faltava o lustre dos serviços litterarios. Seu avô, o marido da erudita madame de Souza, fôra o morgado de Matheus, que deu á estampa uma brilhante edição dos *Luziadas*, interessantemente annotada por elle.

O marquez de Rio Maior, terceiro neto de Pombal, vivendo n'uma epocha de paz, cultivou, com entranhada dedicação, as instituções que á sombra da paz logram florescer.

Todos nós nos lembramos ainda da bondade paternal com que exerceu, por tantos annos, o cargo de provedor da Santa Casa da Misericordia. Por duas vezes presidiu á administração municipal de Lisboa. E, como par do reino, os seus discursos denunciavam a sinceridade de crenças, a franqueza de opinião, que affirmam sempre um caracter.

Sobrinho do homem que mais poderosamente contribuiu, no campo de batalha, para a conquista da liberdade, o marquez de Rio Maior zelava, como uma tradição de familia, a integridade da Carta, os interesses da dynastia, a colheita dos fructos da paz, que, á custa de tanto sangue, a guerra havia semeado.

Em 1881, Sampaio, encarregado de organizar ministerio, convidou-o para a pasta dos negocios estrangeiros. O marquez de Rio Maior recusou. Em politica, a sua ambição não era de evidencia nem de poderio. Contentava-se o illustre fidalgo com a satisfação da sua propria consciencia quando dizia o que sentia e pensava.

Tal era o marido da actual marqueza de Rio Maior.

A familia d'esta senhora hombra dignamente, nivela-se em pergaminhos e memorias com a de seu marido

Sua avô casou em primeiras nupcias com Manuel de Lemos Roxas Carvalho e Menezes, e em segundas com Manuel Ignacio Martins Pamplona, primeiro conde de Subserra.

Na accidentada politica da regencia e reinado de D. João VI, o conde de Subserra teve um papel importante. A epocha era de suspeições e perseguições. Martins Pamplona soffreu duros trabalhos, agravos durissimos, ² que lhe não puderam quebrantar o heroismo com que, por amor da liberdade, supportou os rigores do carcere na Torre de Belem, S. Julião, Bugio e Elvas.

Sua esposa participou do destino politico do marido. Foram companheiros de prisão, viveram ambos entre as dezenas de victimas que atulhavam as cadeias miguelistas. Na de Elvas foi preciso armar um biombo para improvisar um aposento á condessa. Fôra das grades, a gentilha insultava os dois nobres encarcerados, que correspondiam aos insultos com actos de caridade.

Uma vez a condessa repartiu do seu jantar com um mendigo faminto, que viera pedir esmola ás grades. Um caceteiro miguelista, Casca Vianna se chamava elle, impressionou-se com este procedimento, e, sob a commoção, exclamou:

— Não pensei que podesse haver, em *malhados*, tão bom coração!

Desde então este homem foi um amigo dos condes de Subserra.

A condessa tinha uma filha do primeiro matrimonio. Era a mãe da actual marqueza. Casára em primeiras nupcias com seu primo Fradique Lopes de Sousa Alvim e Lemos, segundo conde de Subserra. Dedicada ao padraço, que a e tremecia como filha, amantissima da mãe, ambos encarcerados, esteve dois annos presa com elles e depois de reconquistar a liberdade, ia visital-os frequentes vezes á prisão, compartilhando voluntariamente as angustias da perseguição politica.

¹ Veja-se *Oração funebre proferida nas exequias da excellentissima senhora condessa de Rio Maior D. Izabel Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, celebradas em 23 de maio de 1890, trigessimo dia do fallecimento, pelo reverendo padre Antonio da Costa Cordeiro, na igreja do asylo das cegas na rua Formosa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1890.

² Vide *Memoria justificativa de Manuel Ignacio Martins Pamplona e sua mulher D. Izabel de Roxas e Lemos*. Lisboa, 1821; *Admittimento a memoria justificativa de Manuel Ignacio Martins Pamplona e sua mulher D. Izabel de Roxas e Lemos*. Lisboa: na Imprensa Nacional, 1821.

Martins Pamplona morreu no carcere de Elvas em outubro de 1832, quando ainda a victoria dos liberaes podia considerar-se um problema, talvez um sonho.

Mãe e filha estavam equaladas no luto da viuvez. O segundo conde de Subserra fallecera em Paris em 1826, e a sua viuva, muito nova ainda, apenas tinha coração para chorar as desgraças da sua familia, a morte do padraço, a soledade da mãe.

Mr. Hyde de Neuville, o ministro francez que salvára a vida de D. João VI na noite tragica da *Abrilada*, tinha um sobrinho, visconde de Saint-Léger em França, que se afeiçoára ao paiz onde seu tio havia sido agraciado com o titulo de marquez da Bemposta. ¹

Era um gentil homem com o prestigio de uma vida militarmente romanesca. Servira no estado maior francez, fôra ajudante de campo do marechal Maison e do duque de Raguse; fez a campanha da Grecia, onde arrancou dezenas de prisioneiros ás mãos dos turcos e, para nada faltar á sua extraordinaria existencia, tão cortada de aventuras, até fôra durante algumas horas dado por morto na ilha de Martinique, uma das Pequenas Antilhas, de que tinha sido nomeado governador militar.

N'esta viagem a Martinique, releva um episodio, que faz o elogio dos dotes pessoais de mr. de Saint-Léger.

Quando elle subia a escada do portaló para informar-se da hora do embarque, a mulher do commandante da fragata, uma franceza moça e bella, exclamou impensadamente ao vel-o no brilhante aprumo da sua elegancia militar:

— Oh! *le trop beau officier!*

Sujeitando-se á penalidade de deixar em terra um passageiro do estado, o commandante, um velho lobo do mar, levantou ancora antes da hora marcada, para não ter que levar a bordo «le trop beau officier.»

Quando em 1832 D. Pedro IV partiu de Belle-Isle para os Açores, mr. de Saint-Léger, seduzido pela idéa de correr os perigos de mais uma aventura militar e pela sympathia que lhe merecia o paiz onde seu tio, o marquez da Bemposta havia representado um tão importante papel politico, acompanhou o na qualidade de ajudante de campo.

Durante o cerco do Porto mr. de Saint-Léger, commandando o batalhão de atradores, foi ferido no braço direito, no famoso assalto geral que os realistas fizeram ás linhas no dia de S. Miguel. ²

Aberta Lisboa aos liberaes pela entrada do duque da Terceira, a cuja aproximação a guarnição miguelista fugira n'uma debandada vergonhosa, mr. de Saint-Léger sahio do Porto com D. Pedro, para a capital, a bordo do mesmo vapor.

No ataque de Loures foi de novo ferido no braço direito justamente na hora em que ardia a casa da condessa de Subserra, ao Arco do Cego, como aconteceu a muitas outras casas que ficavam dentro das linhas.

A condessa e sua filha ambas viúvas, mudaram-se então para a rua do Alecrim, e para ali foi transportado o bravo official a fim de receber o primeiro curativo.

Reconhecido e encantado pelos piedosos e caritativos cuidados que as duas senhoras lhe prodigalisaram, mr. de Saint-Léger enamorou-se da gentil filha da condessa de Subserra, mas o coração da jovem viuva resistia á idéa de um segundo casamento.

O tempo afrouxou a resistencia. O casamento realisou-se. E a 25 de março de 1841 nascia, d'esta união, a actual marqueza de Rio Maior, D. Maria Izabel da Annuniação de Lemos Roxas Carvalho e Menezes de Saint-Léger.

A infancia e grande parte da mocidade da sr.^a marqueza passaram-se na quinta de Subserra, a pequena distancia da Alhandra

A convenção de Evora-Monte pozera em descanso a espada de mr. de Saint-Léger. Em Subserra o tempo passava-se em leituras, em distracções tranquilas que repousavam o espirito, e o delectavam. A leitora dos serões era a intelligente menina, herdeira da casa, que, havendo recebido uma educação primorosa, conhecia as litteraturas e os idiomas dos primeiros paizes da Europa.

Foi ahí, nos longos dias e nas longas noites de

¹ Vid. OCCIDENTE vol. XVI, pag. 33, 34, etc.

² D. Pedro IV foi pessoalmente visitar mr. de Saint-Léger para informar-se do seu estado e fazer honra á sua bravura militar (*Chronica constitucional do Porto*, de 8 de outubro de 1832).

Subserra, que o gosto pela instrução se desenvolveu n'esta senhora, a mais illustrada que eu tenho tido a honra de ouvir e admirar.

Além do prazer dos livros, restava-lhe ainda a pratica da Caridade, que madrugou no seu coração bondoso. Muito nova ainda, pôz a sua vida em perigo para salvar a de uma creança. E tudo era retrair-se, modestamente, aos agradecimentos aos louvores com que os protegidos lhe agradeciam a sua espontanea dedicação.

Quando o cholera-morbus flagellou todo o paiz, a fidalguinha de Subserra fôra a enfermeira, a Providencia viva dos doentes d'aquelles arredores. Percorria os casaes, as choupanas com a sua pequena pharmacia ambulante, distribuindo remedios, applicando-os compassivamente, salvando muitas vidas.

De toda a sua vasta clinica piedosa apenas um doente não podera salvar-se.

Era o prefacio evangelico de uma vida toda consagrada a Caridade e ao Bem.

A 30 de setembro de 1861 a herdeira dos condes da Bemposta-Subserra desposou o quarto conde de Rio Maior, depois marquez do mesmo titulo.

Era a conjugação providencial de duas almas boas, que se encontravam harmoniosamente nos mesmos ideaes de felicidade: praticar o Bem, exercer a Caridade, enxugar lagrimas, suavisar angustias.

A mendicidade de Lisboa, a pobreza envergonhada que se occulta em antros lóbregos e a pobreza que, a luz do sol, estende a mão a esmola, sabiam que nunca bateriam em haide a porta do palacio da Annunciada.

O óbolo vinha acompanhado da compaixão, que lhe duplica o valor.

Quando não visitava enfermos e asylos, quando não recebia indigentes e orphãos para acarinhar, a sr.^a marquesa de Rio Maior vivia longas horas no seu archivo, na sua bibliotheca de Subserra ou de Lisboa, lendo e colligindo os preciosos documentos de tres familias illustres: Rio Maior, Subserra e Hyde de Neaville.

Não sei que haja em Portugal mais vasta e valiosa colleção de papeis politicos, que a sr.^a marquesa conhece como as suas proprias mãos. Estão ali archivados numerosos documentos que desfaem muitos conceitos historicos, falsamente architectados cá por fóra. A correspondencia de D. João IV affirma, ao contrario do que geralmente se diz e escreve, um espirito claro e firme, que acompanhou sempre a trama revolucionaria de 1640. Muitas opinões, desconhecidas ou mal comprehendidas, do grande Pombal, como a que se refere ás ordens religiosas, estão ali rubricadas pelo punho do proprio estadista.

A conversação da sr.^a marquesa de Rio Maior, auxiliada por uma memoria felicissima, foi, desde verdes annos, tão instructiva quanto deleitosa. Muitas vezes, para comprovar uma asserção que desmoronava a abra de ligeiros historiadores, a illustre dama ia buscar ao seu archivo um documento, á sua bibliotheca um livro, que abria a ponto, na pagina precisa.

Depois da morte do marquez, em 4 de fevereiro de 1891, as salas do solar da Annunciada ficaram mergulhadas no luto e na tristeza, onde só o remanso do espirito colhido na leitura e a satisfação da consciencia conquistada na pratica do Bem, põem reflexos de uma luz quasi divina, que consola a existencia da illustre fidalga.

Dama camarista de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, herdeira de quatro brazões, a que o tempo deu já o duplo prestigio da antiguidade e da Historia, a sr.^a marquesa de Rio Maior vive esquecida das grandezas da terra, e o seu espirito, piedosamente inventivo, compraz-se em descobrir novos recursos, que minorem as lagrimas dos desgraçados.

Ahi está, para testemunhal o, a conjuvação incansavel que tem prestado á preciosa iniciadora das *Cosinhas economicas*; o projecto que em 1894 teve realisação, da *Batalha das flores*, das flores destinadas, como as da Rainha Santa, a transformarem-se no ouro da esmola.

Ahi estão, para comproval o, as principaes casas de beneficencia e asylos de Lisboa, a cuja administração preside ou cuja secretaria tem a seu cargo.

No palacio da Annunciada, o guarda-portão descobre-se deante da pobreza que se arrasta até ao átrio como deante da nobreza que se apia de carroagens armoriadas. Lá em cima, nas salas, está a Caridade que não distingue classes nem posições: recepção franca para todos, felizes e infelizes, é o santo e a senha que os velhos criados receberam ha muitos annos no seu primeiro dia de serviço.

A's vezes, no segredo de um gabinete, um grupo

de senhoras discute, redige circulares, elabora programmas. A voz da sr.^a marquesa aconselha, indica, faz observações. E' de alguma festa de caridade que se trata sempre, e como que estão espreitando agradecidos por detraz dos reposteiros, com os olhos cheios de ingrims de gratidão, os velhos ou as creanças de um asylo, grupos de familias que morreriam á mingua se d'ali não sahissem, com a iniciativa da beneficencia e com a esmola clandestina, a alegria dos lares famintos e das casas nuas.

Beijar a mão d'esta senhora é mais do que obedecer a um movimento impulsivo de admiração e de respeito. E' traduzir o pensamento, a commoção de mil almas agradecidas, a quem a expressão falta e a gratidão sobeja. E' corresponder, em nome dos pobres que não tem nome, a solicitude materna, ao carinho da misericordia, que com os pobres se irmana em querer ser anonyma como elles. E' prestar homenagem á virtude, que na sua abastança de casa nobre apenas se quer lembrar de que, com a volta de uma pequenina chave, se pôde levantar a tampa de um cofre e mitigar os soffrimentos, as angustias dos miseros e dos desvalidos.

Eu tenho, como todos os que luctam e trabalham, a altivez da minha independencia: não costume depôr lisonjas aos pés dos poderosos. Mas dóbro, gostosamente, o joelho deante d'esta quasi evangelica figura de marquesa, que tem atravessado a vida a comprehender e a consolar os segredos reconditos, as tribulações profundas da Dór humana.

Em nome de todos os que choram e padecem eu a bemdigo, não como um cortejo, mas como um ecco, uma repercussão accidental da consciencia publica.

A sua biographia, como um lago placido, reflecte o ceu na mais nitida pureza do azul. Não é facil nem justo materialisa-la em palavras tantas vezes gastas, e cansadas em louvores banaes. Uma só phrase poderia talvez aproximar-se da expressão da verdade, e essa phrase seria esta, muito simples e muito concisa: «A marquesa de Rio Maior, que nasceu nobre, morrerá muito mais nobre do que nasceu.»

Alberto Pimentel.



AS NOSSAS GRAVURAS

AS COSINHAS ECONOMICAS

A nossa quarta pagina publica varios desenhos, feitos pelo sr. Christino, distincto collaborador artistico do OCCIDENTE, representando diversos aspectos da *Cosinha Economica dos Anjos* taes como: a distribuição dos jantares feita pelas irmãs de Caridade, um typo de creado de mesa, diferentes comensaes tomando as refeições, o lavatorio, e a bica com o filtro Chamberland que fornece agua. Ao centro da pagina vê-se o aspecto exterior do edificio.

Esta util instituição, recentemente estabelecida em Lisboa, e á qual o OCCIDENTE já se tem referido por varias vezes em suas chronicas e outros artigos, está prestando grande beneficio ao proletariado.

OS FESTEJOS A JOÃO DE DEUS

Coube a gloria á mocidade academica, de, pela primeira vez em Portugal, se realisar uma manifestação tão penhorante, tão magestosa e tão distincta para ambos—João de Deus e o paiz.

A academia portugueza traduzindo e interpretando o sentir nacional, prestou a mais grandiosa, a mais altiloqua, a mais solemne apothese, ao maior poeta lyrico da península e da Europa.

Exponctanos, simples, brotando de corações juvenis, cheios de vida e de esperança, trasbordou d'elles entusiastica, imponentissima, a consagração ao grande Poeta portuguez, gloria da Patria, a qual pela bocca de seus filhos—os estudantes—lhe fez a mais extraordinaria manifestação que até hoje tem concedido em vida aos seus heroes.

Indizível, extraordinaria tambem, foi a commoção que o grande lyrico experimentou ao ouvir os ardentissimos e entusiasticos vivas com que a multidão, reunida no vasto largo fronteiro á sua moradia, o aclamava, saudando-o.

Foi assim que o paiz secundou nobremente a iniciativa dos estudantes de Lisboa.

Era uma divida aberta, uma das muitas que Portugal deve. Todavia pagou-a a Patria agradecida ao seu benemerito filho, ao auctor da *Cartilha Maternal*. João de Deus, tudo merece e por isso justissima devida foi a grandiosa apothese que a classe academica iniciou e que viu secundada por todos começando pelo Chefe do Estado, indo lançar ao pescoço de João de Deus, desprezenciosamente, sem vaidade, a gran-cruz de S. Thiago, dispensando o tambem dos direitos de mercê.

As academias scientificas, Academia Real das Sciencias e Instituto de Coimbra, nomearam-no seu socio.

Algumas camaras do paiz, pozeram-lhe o nome na melhor das suas ruas. A Imprensa e os poetas dedicaram-lhe graciosas composições; enfim, a homenagem a João de Deus echoou e echoará por todo o terreno portuguez, por toda a parte do mundo onde houver um leitor do poeta sem igual.

João de Deus é um dos maiores benemeritos de Portugal, pois que do seu methodo de ensinar a ler, muito se tem obtido e muito ha a esperar; foi pois assim que se gritou:

—Honra ao pedagogo! Gloria ao Poeta!

Acompanhando os desenhos da nossa quinta pagina, vamos a breves linhas lembrar aos leitores como a manifestação a João de Deus se realisou.

No dia 8, anniversario do poeta, organisaram os estudantes o cortejo que o foi saudar; e apesar de o dia estar tempestuoso a manifestação foi entusiastica, delirante.

Encorporados no cortejo iam, além dos estudantes de todas as escolas inferiores e superiores de Lisboa, os da Universidade, os do Porto, Santarem, Braga, Lamego, Portalegre e de outras capitães de districto, com os seus estandartes, imprensa e varias commissões que iam felicitar o grande lyrico.

Era emocionante devéras, ver o poeta commovido até ás lagrimas, assistir da sua janella ás manifestações que lhe faziam.

Amanheceu mais agradável o dia 9 e então os estudantes fizeram um novo cortejo aproveitando o bello tempo.

Em frente da casa de João de Deus o entusiasmo subiu de ponto: havia sol, os discursos succederam se e a musica das tunas de Coimbra e do Porto abrilhantavam a festa causando completo delirio.

A' noite o sarau em D. Maria esteve deslumbrante. Alterara-se todo o programma porque a cada passo surgia de um camarote ou do palco um orador que em phrase inspirada e levantada fazia o elogio do grande lyrico. Quando João de Deus entrou no seu camarote, duraram por mais de dez minutos as saudações, palmas, vivas, delirio nunca visto, ovação estupenda a que o poeta, de lagrimas nos olhos, nem sabia como agradecer.

Ao espectáculo assistiram El-rei, os ministros e as primeiras familias da nossa sociedade.

A' sahida do theatro os estudantes estenderam as suas capas na rua para João de Deus passar, levantaram-o nos braços e transportando-o até á carruagem que o esperava, no meio de estrepitosos vivas e palmas, desatrellaram os cavallos do trem e puxando com uma comprida corda, conduziram assim os estudantes o poeta a sua casa.

No dia 10 partiram os estudantes de fóra de Lisboa a retomar os trabalhos escolares e não foi despidos de tristeza que o fizeram. Os seus collegas e todo o povo da capital lhes tributaram sympathia, e á ida como á vinda, foram acompanhados por immensa multidão que os saudava, organisando-se, para os que partiram de noite, uma marcha com balões.

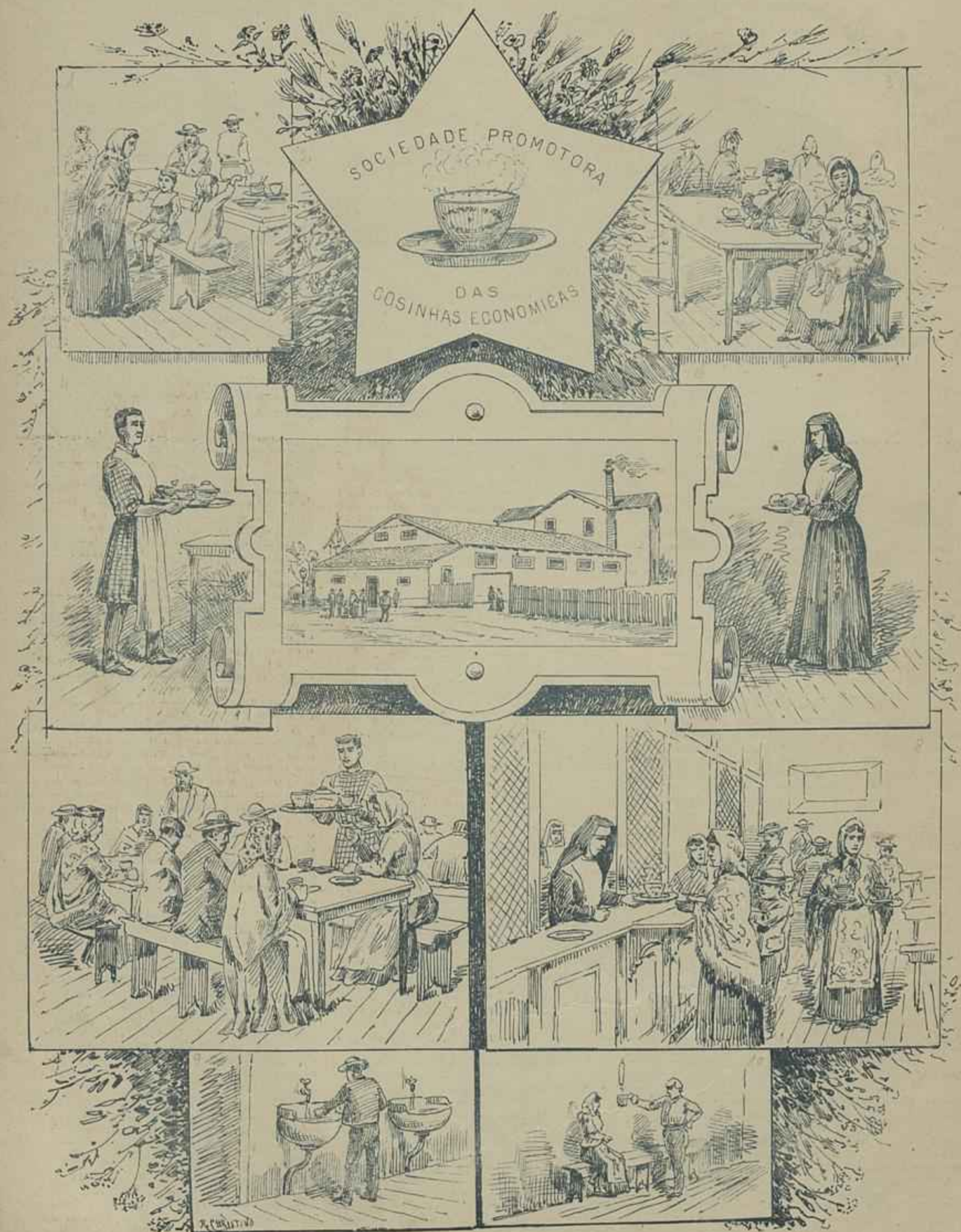
RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

VI

UMA JORNADA DE LISBOA A BURGOS

No outono de 1812 embarquei em Inglaterra, para vir apresentar-me a Lisboa aonde, com algumas semanas de viagem, cheguei, a porto e salvamento. Concederam-me desde logo, segundo o costume estabelecido, uma semana de licença para tratar de bagagens, ajustar pessoal, bestas de carga

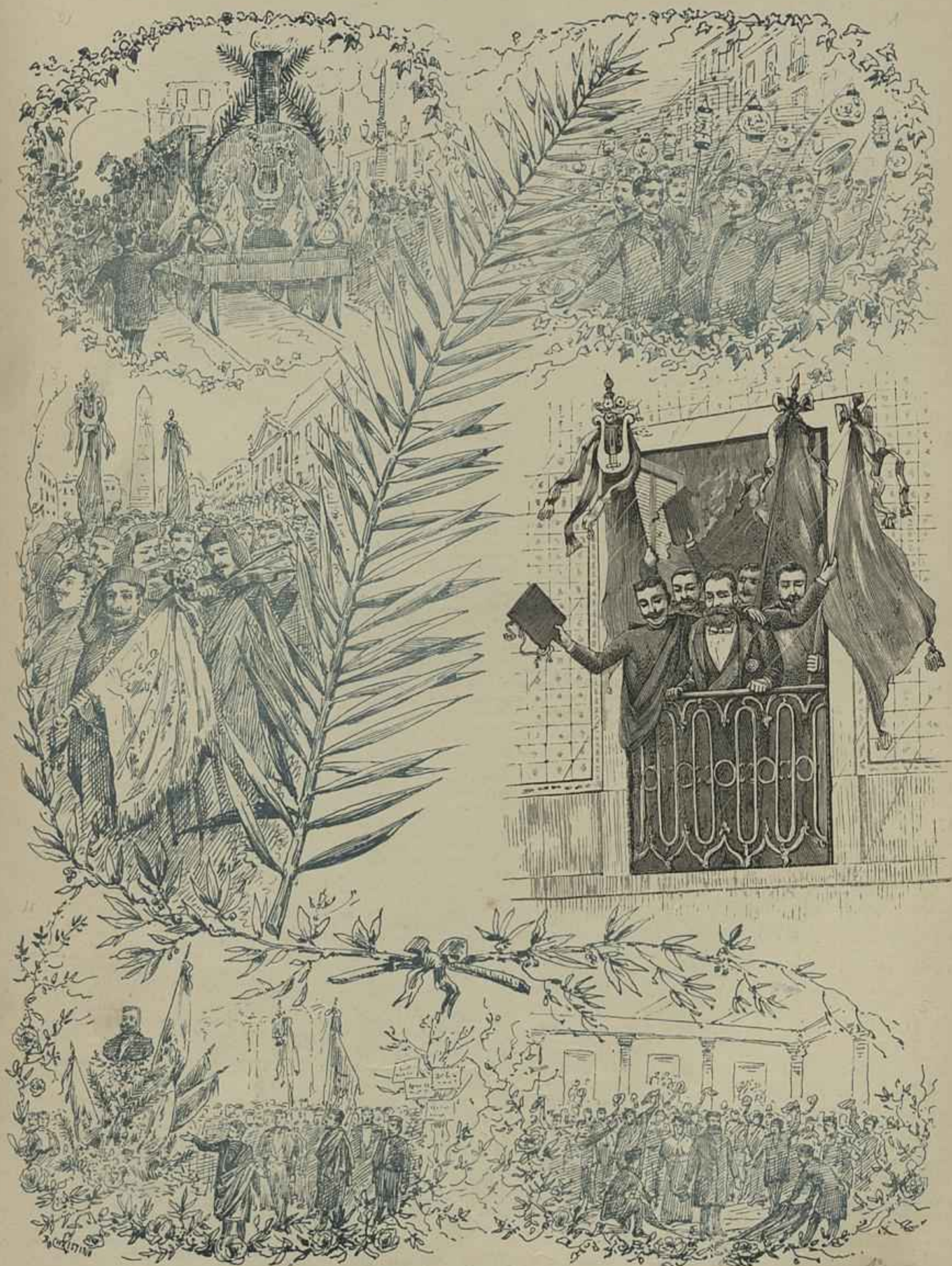
AS COSINHAS ECONOMICAS



VISTA EXTERIOR DA COSINHA ECONOMICA DOS ANJOS E DISTRIBUIÇÃO DAS REFEIÇÕES

(Desenhos do natural por J. R. Christino)

OS FESTEJOS A JOÃO DE DEUS



CHEGADA DO COMBOIO, CONDUZINDO OS ESTUDANTES DE COIMBRA, À ESTAÇÃO DO ROCIO — CHEGADA A LISBOA DOS ESTUDANTES DO PORTO —
O CORTEJO ACADEMICO DESFILANDO NA AVENIDA DA LIBERDADE — JOÃO DE DEUS À JANELLA DE SUA CASA,
RECEBENDO AS MANIFESTAÇÕES DA ACADEMIA — O SARAU NO THEATRO DE D. MARIA — OVAÇÃO À SAHIDA DO THEATRO
(Desenhos por J. R. Christino)

e completar todos os preparativos necessários afim de marchar a incorporar-me no exercito, dirigindo-me a Burgos, onde, por então, residia o quartel general. Durante a minha demora em Lisboa estive aquartelado no convento de S. Vicente, dos maiores da capital e muito bem situado no alto de um dos montes mais elevados da mesma. Deram-me quarto no andar superior do edificio, e d'ali districtava o soberbo panorama da cidade, do rio e de todo o paiz circumjacente. Não havia muitos frades no convento; a comunidade cedera parte do edificio para accommodação de tropas. Jantei com elles uma vez e declaro que os taes cenobitas se tratavam que nem príncipes — rancho... do melhor. A ordem era rica. Tinham boa livraria e bilhar; mas o tacho e as bolas viam muito mais freguezes que os alfarrabios. Alguns (diziam as más linguas) tinham o seu *concheço* cá por fora.

De ordinario, os officiaes, quando marchavam de Lisboa para o quartel general, juntavam-se em ranchos; n'essa conformidade tres ou quatro dos meus camaradas e eu combinámos encontrar-nos todos em Sacavem, que fica a duas leguas de Lisboa. Tanto eu como um cirurgião, que tambem estava aquartelado no convento, pusemo-nos a pé ás quatro da manhã, com o sentido de olhar pelas bagagens, observando se ia em boa ordem a carga dos machos, para evitar accidentes e demoras; porque, tanto os nossos impedidos como o resto do pessoal que nos acompanhava, eram todos estrangeiros e gente absolutamente novata no paiz. Como os meus preparativos se reduziam a aparelhar o cavallo e a carregar a bagagem no macho unico que levava, avieime mais depressa. O doutor, que dispunha de duas bestas de carga, viu-se quente para repartir os fardos, em termos, por ambas; ainda bem não estavam apertadas as silhas da segunda, zás —ahi vinha logo a terra a carga da primeira. A final, depois de mais de uma hora de trabalho insano, deu a tarefa por concluida e rompemos a marcha; mas, ainda mal tinhamos transporto os umbraes do portão do pateo, já a carga toda dera cmsgio no meio do chão: não havia outro remedio senão tornar a principiar... do principio... e ali temos outra vez o digno cirurgião de volta com os fardos e as cordas. A minha, assim mesmo, ia mais segura, logo ao virar da primeira esquina — terra com ella e tudo estalado na lama.

Mais d'uma vez se repetiram ainda os tombos, afóra outros pequenos encalhes; porém os moços, como o peor trabalho lhes sahia do lombo, fôram afinal tomando tento e ganhando geito, e seguimos nossa derrota sem maior avaria no carregamento.

Nesse mesmo dia alimpavam-me de vez as albigueiras; a fallar a verdade, não era das melhores entradas, logo ao primeiro dia de marcha e com um passeio de dois a tres centos de milhas á minha espera; não me accusarão, porém, de perdulario, quando souberem que, ao sair de Lisboa, o total dos meus fundos era... meio tostão, que eu dei ao primeiro garoto que me seguiu o cavallo e me foi ensinar onde morava o juiz de Fora.

Eis, porém, que surgem novas difficuldades; nenhum dos do nosso bando consegue fazer se entender pelo digno magistrado: entre as prendas que nos ensinaram, em pequenos, não incluíram por descuido, a lingua portugueza. De todos era eu o unico que fallava, além do patrio idioma, alguma outra lingua; arranhava, temte não ctiás, um bocado de francez e de italiano. Pespégo-lhe pois o meu mais puro toscano, mas o provecito juiz responde-me (ou não me responde) abanando a cabeça — a propósito, antes que me esqueça, o *jurisconsulto* era sapateiro. Apello para o francez: — na mesma, ou peor, nova sacudidela de cabeça. — Inglez — outra dita, da dita. — Nem mesmo a interjeição «God. damn!» surtiu melhor effeito do que, em tempo, produziram sobre a cauda da mula da abbadesa de Andouillet — umas certas palavrinhas; — a cerviz da auctoridade devia estar desengonçada!

Accudiu-nos, por fortuna, um official portuguez, que nos ajudou a resolver as actuaes difficuldades e arranjou o que desejavamos. Sabidas as contas, o macacão do velhote percebeu optimamente o que queriamos, e tudo aquillo era manha para se ver livre de nós, obrigando-nos a seguir caminho, mas afinal o logrado foi elle.

Aprendi com o official alguns nomes das coisas mais usuas e necessarias e um certo numero de phrases em portuguez; assentei tudo na carteira e vim tratando de as decorar pelo caminho. A' força de me exercitar ia-me arranjando já menos mal e, d'ali por diante, sem maior difficuldade, melhor ou peor, sempre me entendiam; fiz muitos progressos em poucos dias.

Até ao fim da tarde vieram reunindo outros officiaes; e, para matar tempo, riamos á custa das nossas aventuras. Um d'elles, alferes, trazia apenas consigo um jumento minusculo para carregar com toda a bagagem. Logo no primeiro atoleiro, sóme-se metade do burrito, e agora o verás... para o saccar d'ali para fora teve o dono de arriar a carga e puxal o, á sirga, com umas cordas, o que lhe rendeu ficar atascado em lama desde o tempo da barretina até aos bicos das botas — parecia mesmo um soldadinho de barro — dava vontade de brincar!

Escusado será dizer que atravessámos as famosas e decantadas linhas de Torres, durante tão longo tempo occupadas pelas nossas tropas, e que tanto fizeram resmungar os *quid-nuncs* lá pela nossa terra: não podiam levar a paciencia que o exercito estivesse para ali de *braços cruzados*, diziam, sem dar um tiro. John Bull nunca está contente enquanto não vê o soldado em bolandas; e, lá para elle, batalhasinha que não renda, entre mortos e feridos, ról de jarda e meia, não vale o custo da polvora. Quando, no fim de contas, aquelle largo descanso concedido ás tropas foi talvez uma das provas de mais juizo qua deu o nosso grande generalissimo; e digam lá o que disserem, aos nossos nada lhe faltava, e ao inimigo... tudo. Transpostas as linhas, o paiz, imitando um modo de dizer dos nossos soldados, parecia assaz *depennado*.

Attendendo a que, no dia seguinte, nos esperava, d'ali a Santarem, um bom dia de marcha, combinámos, á noite, levantarnos no dia seguinte o mais cedo que podessemos e que, quem mais cedo accordasse espertaria os companheiros. Quiz o acaso que fosse eu o madrugador e, como visse já muita claridade, chamei toda a malta. Poz-se tudo a pé n'um prompto; — bagagens para cima do gado, e já estávamos na rua quando o relógio da torre deu as duas; era cedo, mas, não obstante, resolvémos ir andando, porque o luar estava lindo; não teriamos, porém, caminhado quatro milhas, préga-nos a lua uma peça: safa se, e achamo-nos no meio d'uma encrusilhada aonde vinham cortar-se quatro estradas, sem ter signaes nem postes que indicassem o caminho, e, de roda, a perder de vista, tudo charneca... — «E agora, como se descalça esta bota?» Estávamos já resignados a acampar ali mesmo o resto da noite, quando vimos, lá ao longe, uma luzinha. Marchámos logo, eu e outro, destacados a indagar o que seria, mas, d'ali a um instantinho, sumiu-se o luzeiro. Fizemos alto e, d'ali a pedaço, eil-a que torna a apparecer.

Fomo nos aproximando e reconhecêmos que o clarão vinha de uma casa, ou para melhor dizer, de uma baíuca. Ao dobrar a esquina para procurar a porta, dei de cara com as pontas de um forcado, em riste: — e o cabo nas mãos d'um velho; o meu camarada recebia comprimento identico ás mãos de uma velha, mas com utensilio differente. Quizemos parlamentar; vir á falla; porém não houve meio de saccar do aggressivo casal outra resposta além da seguinte: *Não comprehendo*. Tentei uma manobra de flanco e, fazendo tres meia volta, consegui esgueirarme entre o anção bellicoso e a parede, mas o peor é que fiquei a descoberto, e exposto ao ataque da sua ala direita (assaz torta e, como verão, nada macia): a assanhada bruxa avança á carga cerrada contra as traieiras do meu cavallo, que soube defender-se melhor que o dono: — com um valente par de couces pregou com a centopeia em terra, estatelada e a espernear, mas tão feliz que escapou sem avaria. O meu companheiro entretanto, que tinha estado ao largo, na reserva, para não ficar na inactividade avança em soccorro da praça, porque o endemoninhado velho, com denodo e galhardia, cahira a fundo sobre a minha pessoa, e o caso é que ia pregando comigo do cavallo abaixo; por pouco que me não enfia pelas costas o forcado, que ficou preso no meu casacão. A peste da velha levanta se n'um rufo, — parecia que não tinha sido nada com ella! — e dispunha-se para entrar de novo em fôgo; eis senão quando, avança a nossa infantaria — representada pelo camarada e o moço, attaca esta o velhote pela rectaguarda, que ficara exposta quando manobrei pelo centro, e obriga-o entregar-se; e não foi então muito difficil dar-lhe a entender que tinha de nos ensinar o caminho para Santarem. Custou ainda um bocado de trabalho para resolver o patife a acompanhar-nos e servir de guia; entrou a armar um berreiro que nem que o levassemos para a força. A denodada matrona não largou o seu servo de Deus. Quando nos puseram na estrada dêmos um copo de aguardente a cada um, e lá ficaram a dar graças a Santo Antonio, e a encomendar-se a todos os mais que conheciam de nome, mas o que nunca largaram das unhas foi a enxada

e o forcado, pois apesar de prisioneiros de guerra, os vencedores generosos concederam-lhe levar as armas.

Apesar da hora em que partíramos, chegamos tarde a Santarem, porque aquelle casal intractavel para se desforrar da derrota tinha-nos ensinado o caminho mais longo; de mais a mais a estrada era enfadonha a mais não poder ser, entalada entre ribanceiras, subia em caracol e, quando chegavamos a um ponto d'onde esperavamos avistar a villa, enfiava logo na nossa frente outro desfila-deiro. O que accrescentava tambem um bom bocado á estrada era a hora a que nos levantáramos, as saudades do almoço e o sol, que estava de escaudar. Apesar da villa ter servido ainda ha pouco, de quartel general a Messéna viemos encontrar a *depennada* á perfeição. Havia ali nm hospital e um posto de commissariado, aonde fômos requisitar rações. Depois seguimos até Abrantes: ali, tornámos a tirar rações e parámos todo aquelle dia para dar descanso ao gado, que tinha comido pessimamente pelo caminho, e os cavallos, chegados ha pouco de Inglaterra não estavam ainda affeitos á forragens do paiz. Como aliás nos succedia sempre nas villas grandes, não foi facil aboletar-nos: e o que se arranjou era assaz máu; além de que havia ali hospital, posto do commissariado, e, ainda por cima, guarnição de tropas portuguezas.

Fomos aboletados em separado; mas mudámos de quartel e reunimo-nos todos no melhor — ou menos peor; a respeito de mesa, cadeiras e vidros nas janellas, quero que é d'elles! Não ligavamos importancia a taes miserias, em vista d'outra mais grave: não havia lenha para cozinhar. Um curral que ali havia pagou as custas: fômo-nos á mangedoura, desmanchámos a, e d'ali a pouco estava já a marmita ao lume. Era já noite fechada quando deram por promptos a sopa e o cosido; enviámos uma embaixada á patroa a pedir luz, o que ella negou terminantemente, mas nem por isso deixou de vir aquecer a panela do caldo ao nosso borralho. Quando eu ia para deitar a mão á candeia, que estava dependurada, a carcassa da velha desata ao sopapo a mim. Enfurecime; prego com a candeia em terra e entorna-se o azeite. N'este comenos entra em scena o marido; principia a rogar pragas e a murmurar commentarios pouco lisongeiros para as nossas pessoas, e que davam fraca ideia do seu mestre escola; mas acho que lhe parecemos muitos porque em breve metteu a viola no sacco. No outro dia, de manhã, a velha queria que lhe pagassemos azeite e candeia, mas d'essa a livramos nós — o dinheiro que havia entre todos não passava de meia duzia de *schillings*, e tinhamos tanto em que os gastar, que, a fallar a verdade, eram assaz mal empregados n'aquelle par de ouriços. E certo que, levando as coisas á risca, elles não tinham obrigação de nos dar nada, além do chão e das paredes; entretanto, era costume darem luz, e emprestarem as coisas da cozinha, e, aos que não eram mal creados, raras vezes acontecia ficarem de perda; sempre iam apanhando alguma coisa: — carne, pão, aguardente, etc.; a respeito de dinheiro, isso lá mais devagar: andava coado por uma joieira.

A nossa paragem mais proxima foi no Gavião; o lugar estava *depennado* que era mesmo uma lastima; mas apesar d'isso apanhámos melhoria de rancho, pechincha de todo inesperada para nós que, desde que sahiramos de Lisboa, nunca mais deixáramos de rilhar carne dura como abas de selim, e nem sempre da mais fresca; e d'ahi, como succedia tambem aos nossos cavallos, não estávamos affeitos ao passado do paiz. Uma galinha! N'aquellas alturas era acepipe que caia do céu. Lá d'onde ella appareceu, é o que eu ainda agora estou para saber; se foi morta *por engano* com alguma pedrada, ou se tropeçou, sem reparar, na nossa marmita, não sei — nunca me occupei das vidas alheias, é máu costume. O camarada do doutor foi nomeado rancheiro e repartiu as rações. Dos nossos alguns andavam adentados; não se davam bem com o vinho palhete d'estes sitios; um dos officiaes vinha tão encommodado, que lhe vi geitos de termos de o deixar no caminho; comtudo, fez das fraquezas forças e conforme poude lá veiu seguindo connosco. *Spectator*.

(Continúa)

Uma Heroína Franco-Portugueza

(Continuado do n.º 562)

IX

Se já em Chandernagor Joanna, ainda então mulher de Vincens, fôra de grande utilidade a Dupleix, servindo-lhe de secretario na sua correspondencia com os Indianos, cujas linguas conhe-

cia admiravelmente, em Pondichéry a sua influencia tornou-se muito maior, e o seu papel muito mais brilhante. Onde a sua individualidade se destaca mais interessante, é na guerra com os inglezes.

Essa epocha foi triumphal para a bandeira franceza. Na Europa o marechal de Saxe conduzia os soldados francezes á victoria e dava-lhes nos louros de Fontenoy como que a compensação dos desastres de Agincourt e de Poitiers. Na India Dupleix e Labourdonnais infligiam tambem crees derrotas aos Inglezes. Madrastra, o centro do poder nascente da Companhia Ingleza caia nas mãos de Labourdonnais, e Dupleix sonhava fazer tambem d'essa cidade importantissima o centro do poder da França no Indostão. Labourdonnais, seduzido pelas propostas da Companhia Ingleza que offercia dez milhões de francos pela restituição da cidade que lhe fôra tomada, queria que Dupleix accedesse Dupleix, pondo acima de tudo os conselhos do seu patriotismo, negava-se absolutamente a sancionar semelhante negocio. D'ahi resultou uma discordia tamanha entre os dois heróicos francezes, que tinham sido até ahí amigos íntimos, que Labourdonnais chegou a ameaçar a familia Dupleix com o roubar-lhe a filha—aquella Rosa tão amiga do seu *padrigné* Dupleix, e que era agora uma senhora casada com mr. Barnevat, e de a transportar com seu marido para as ilhas. A ameaça era pueril e de mau gosto. Podia com tudo actuar n'um coração de mãe, sempre disposto a tudo receir e a tudo julgar possível. Contudo Dupleix pôde escrever plenamente auctorizado por sua esposa: «Eu e minha mulher sabemos sacrificar a nossa ternura ao dever.»

Labourdonnais partio furioso, mas Madrastra ficou pertencendo á França, e servindo de circo para as manobras politicas de Dupleix. A Inglaterra, porém, com a sua tenacidade habitual, não abandonou assim as suas possessões orientaes. Dupleix, depois da partida de Labourdonnais, teve de defender a sua conquista contra as tropas do nababo de Carnate, que os Inglezes dirigiam, e que elle derrotou em duas batalhas, e teve sobretudo que defender Pondichéry contra o ataque de uma poderosa esquadra ingleza.

N'esse cerco de Pondichéry em que M.^{me} Dupleix se tornou tão notavel, merecendo ser citada por todos os historiadores, como Lande que diz: «Os conselhos sensatos e energicos de M.^{me} Dupleix sustentaram a coragem de seu marido; mr. Henri Martin que escreve «Sua mulher secundou-o de um modo admiravel. Affrontava todos os perigos a seu lado, sustentando officiaes e soldados por meio de phrases dignas da antiga Roma», esse cerco pois, e esse papel representado pela nossa quasi patriota, faz-nos lembrar os nossos famigerados cercos da India e o papel desempenhado pelas nossas mulheres portuguezas. M.^{me} Dupleix está n'uma posição mais alta do que a pobre Izabel Fernandes de Diu, mas, se não se arroja ella mesma ao inimigo, assiste com uma serenidade impassivel ao cair das bombas, que por mais de uma vez estouraram ao seu lado.

Demais não foi só com a coragem que M.^{me} Dupleix servia a causa de seu marido, foi ainda com a sua habilidade, com a sua finura. Pondichéry fôra fortificada muito recentemente por Dupleix que adiantára elle proprio parte do umbeiro, porque a Companhia não se queria metter n'essas despesas: em Pondichéry, dividida em duas cidades, a cidade branca, e cidade preta, não havia só francezes havia outros europeus estrangeiros—portuguezes por exemplo—assim como eram numerosissimos os indigenas. D'ahi resultava que os Europeus julgavam impossivel a resistencia á poderosa esquadra ingleza, e entabolavam relações com os sitiadores, os indigenas conspiravam para abrir as portas ao inimigo; mas M.^{me} Dupleix vigiava, de tudo tinha conhecimento, recebera por assim dizer de seu marido o commando da policia secreta que organisára com uns cem *palis*, que a traziam ao facto de tudo o que se passava na cidade, re-ultando d'ahi não poderem nunca levar por diante os seus planos os secretos inimigos que o governo de Dupleix alli contava.

Emfim tão evidente se tornou o papel brilhante de M.^{me} Dupleix, que, quando ao levantar-se o cerco, depois de uma resistencia heroica, se cantou um *Te Deum* em acção de graças, quando Dupleix e sua mulher saíram da igreja, a ovacão com que todos os Europeus presentes acolheram o governador da India, estendeu-se tambem á sua heroica esposa.

Se fosse hoje, diz o sr. Güt, M.^{me} Dupleix receberia a Legião de Honra; então todas as recompensas foram para o marido, vindo tambem a abrangel-a. Effectivamente, se Dupleix recebeu a ordem de S. Luiz, sendo isso uma recompensa

completamente pessoal, foi por outro lado ennobrecido e elevado a marquez, sendo por conseguinte marqueza tambem, marqueza Dupleix, a filha de D. Izabel Rosa de Castro que ainda pôde gozar a suprema alegria de ver sua filha equiparada completamente a vice-rainha da India portugueza, que era exactamente n'essa occasião marqueza tambem—marqueza de Castello- Novo.

(Continúa)

Pinheiro Chagas.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 581)

Responsier. Este pequeno codice, em oitavo, um volume, é muito bem escripto, em bom pergaminho, com caracteres francezes do XVI seculo e com iniciaes delicadamente coloridas. Contem alguns officios da Semana Santa, e todos os actos religiosos que se praticavam com uma freira, desde os artigos da morte até ao seu enterro, sendo todos os Responsorios e Antiphonas em mui bem formado cantochão no estylo romano. As rubricas são em francez e escriptas a tiata encarnada. Está mutilado, este manuscrito, em tres partes onde provavelmente teria formosas miniaturas, sendo grande falta a do frontespicio, pois que obsta a que se possa designar para que ordem ou convento foi feito trabalho tão primoroso.

O *Ceremonial*, que na *Collecção de Lorrão* dêmos noticia, tem as mesmas disposições nos casos que ambos preceituam. Isso é devido á mesma corrente de acções e de direcções, seguramente.

Responsoria. Dois grandes manuscritos, sobre pergaminho, muito bem encadernados e com fechos de metal lavrado. As lettras iniciaes são muito bonitas.

Roma Triumpharis por Blondi Flavius Farliviensis. Formoso manuscrito em pergaminho, do seculo XV; tem na primeira pagina uma muito delicada e riquissima tarja—estampa admiravelmente illuminada representando o celebre historiador, de joelhos, offerecendo a sua obra ao papa Pio II, o qual está assentado na cadeira gestatoria e rodeado de varios cardeaes.

Specula maxima por Frii Vincentius Bellovacensis. Oito volumes de diferentes formatos, fazendo parte da obra composta por Bellovacense e que contem o *Espelho natural, Historial e Doutrinal* que o auctor, acima, escreveu pelos annos de 1240 a 1270.

Os oito codices em pergaminho que temos presentes são varias copias de diversas épocas e individuos, reputando-se que a mais antiga seja do seculo XIV ou fins do XIII e a mais recente do seculo XV.

Todas as copias são mais ou menos illuminadas; assim notamos que, o tomo IV, o 128 da collecção de manuscritos illuminados, tem simplesmente o A inicial illuminado, o qual é d'uma delicadeza extrema no seu desenho.

O n.º 130 da *Collecção*, é decerto o mais antigo e na sua segunda parte tem sete miniaturas muito notaveis e que se nos revellam archaicas.

O n.º 132, em francez, é decerto contemporaneo do antecedente ou talvez mais antigo, fins do seculo XIII. O A inicial e de estylo byzantino: formado de medalhas nas quaes se vêem figurinhas; e, não tem mais illuminuras.

O n.º 139 é o unico volume que apresenta frontespicio e no cimo do qual se vê um braço, que pelo que, ainda se pôde perceber, imaginamos seja hespanhol.

O n.º 125, tem uma formosa miniatura e uma tarja emmoldurando toda a pagina, que é uma das do meio do volume; todas as lettras capitaes são coloridas sobre fundo de ouro.

O n.º 126, é o mais primoroso de todos estes manuscritos, e algumas das illuminuras que ainda lhe restam são extraordinarias no seu desenho e colorido; d'uma perfeição inaudita essas illuminuras podem-se considerar as miniaturas—modelos, pois que as figurinhas representadas são d'um tal trabalho que bem parecem retratos. Suppomos sejam flamengas.

A primeira representa uma rainha deitada no seu leito e está de corôa na cabeça (!) á direita vê-se uma fera; o que faz suppôr represente uma visão perturbando o sonho da adormecida soberana cujo rosto é graciosissimo. Na mesma illuminura, ao longe vê-se um acampamento e no primeiro plano o rei e os seus homens d'armas.

A segunda, representa alguns seculares collocando a mitra n'um cardeal. Mais ao longe vê-se a igreja e o mar em que estão uns galeões.

A terceira, representa um rei e a sua côrte; as

figurinhas são extraordinarias de delicadeza de desenho.

E além d'estas estampas as lettras capitaes são muito bem illuminadas.

Esta obra, não está completa, falta-lhe a parte *Moral e Doutrinal* e as outras estão repetidas. Pelo visto, se pôde repetir o que já dissémos: são propriamente fragmentos de diversas copias de toda a obra, a qual não ha noticia de que, manuscrita, se encontre completa em Bibliotheca alguma do mundo. Apenas se sabe que a de Turim possui a parte *Historial*, e esse manuscrito é uma copia feita nos principios do seculo XIV.

Speculum Universale Distinctionum. Dois manuscritos, copia franceza d'esta obra de *Rudolfus Ardens*. Escripto em latim, como quasi todos os manuscritos de que temos tratado, mas com caracteres francezes, tem compridas tarjas e ornatos illuminados. Vêem-se tambem n'esta obra muitos mappas, taboas ou arvores, nas quaes em circulos dobrados, expõe o auctor as suas distincções ou divisões das sciencias, vicios e virtudes de que trata; a segunda parte foi escripta por Frei João Picant e acabada em 1460.

Thielman Rerver. Livro de horas do seculo XIV (?) Bem coordenado, folhas douradas.

Tombo, da Commenda de Ilanha a-Nova de que he Commendador e Alcaide-Mór dõ Pedro d'Alcaçova Carneiro, 1577.

Manuscrito em folio, um volume de 190 paginas de magnifico pergaminho, com muito bem formados caracteres, com tarjas, lettras iniciaes, arabescos e quatro grandes miniaturas, rica e primorosamente illuminadas.

Esta commenda foi dada, ao fidalgo em questão, por D. Philippe I de Portugal, e estava dependente da Ordem de Christo.

Este livro está encadernado em velludo carmezim com chapas de metal, as quaes representam oito pequenas cruces de Christo e dois braços cuja corôa condal, que tem por timbre, está errada no numero das perolas. Estas armas são as de D. Pedro d'Alcaçova Carneiro.

Deveríamos agora indicar a historia externa restricta e particular a cada manuscrito que temos citado, pois que a historia externa geral e commum hem como a interna geral dos manuscritos illuminados, é o objecto dos capitulos finaes d'este trabalho; mas a ignorancia que provamos sobre o assumpto nos impede de sermos tão completos, quanto ha mister. Todavia de alguns manuscritos o que soubemos referente á sua historia externa, dissémos o conjunctamente com a nossa modesta apreciação bibliographico-artística.

Uma grande parte, senão a maior, dos mais preciosos manuscritos illuminados que a Bibliotheca Nacional hoje possui, pertenceram a D. Francisco de Mello Manuel.

O seu herdeiro vendeu esses manuscritos ao governo por onze contos de réis e recebendo tambem o titulo de conde da Silvã¹.

Foi uma aquisição invejavel porquanto os manuscritos valem muitissimo mais.

(Continúa).

ESTEVES PEREIRA.

SEGredo ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 583)

V

UM CONAÇÃO DE MULHER

Silvestre não respondeu; mordida o beijo, vagamente comprometido, e Rosalia tinha os olhos baixos...

— Bem; decididamente não querem subir? — tornou D. Florencia. — Então, boa noite.

Separaram-se. Caminhando para casa, notou o conego que o sobrinho ia a fallar só, abstratamente, levando, quando aquando, a mão á bocca. Apurou a attenção; e quando descobriu que o advogado das aguas de Setães, ia a declamar versos e

¹ O conde da Silvã offereceu a D. Mar'a II um precioso *Livro de Horas*, recolhido na monumental herança que lhe legou seu pai. N'esse manuscrito, nas tarjas da primeira folha viam-se rigorosamente desenhadas e illuminadas todas as moedas do ouro e prata do reinado de D. João III.

Esta particularidade leva a suppôr que obra tão primorosa, fizesse trabalho portuguez.



CASA ONDE NASCEU JOÃO DE DEUS, EM S. BARTHOLOMEU DE MESSINES

(Cópia de uma photographia)

a beijar, com extasi, uma singella flôr do campo, monologou, em voz baixa, pigarreando:

— Em que estado elle vem! Ai, D. Florencia, que estás perdida por todos os lados: pela demanda e pela sobrinha!

A predicção do conego, para quem conhecesse a existencia de Estevam no coração de Rosalia, poderia parecer um symptoma de perspicacia infeliz, se alguns factos não depozessem a favor da descoberta psychologica do ecclesiastico.

E porque tudo, na alma da brasileira do Palmeirão, era incoherente e inexplicavel para ella mesma, a noite que se seguiu ao regresso de Setães, teve para Rosalia uma lenta insomnia, em que debalde tentou relacionar, com os seus sentimentos, os estranhos successos d'aquelle dia. Lembrava-se de que Silvestre, no fim de jantar, achando-se com ella, a sós, no varandim do challet, reatara a conversa interrompida debaixo dos sovteiros, e lhe balbuciara, afinal, a confissão de um amor violento que começara a agital-o. Quizera interrompê-lo, quebrar aquella esperanza com uma phrase decisiva; mas, mau grado seu a voz do advogado echoava-lhe cariciosamente na alma... E quando elle, finda a confissão, lhe pedira uma palavra de conforto, ella não tivera coragem para lhe negar esse amor que já pertencia a outro; somente se conservava reservada, respondendo de uma maneira ambigua, mas em que Silvestre viu (ella notara-o, com jubilo) um prencipio animador.

Depois, mais tarde, na carroagem, quando a penumbra occultava os movimentos, Silvestre commettera a audacia de lhe tirar suavemente uma linda flôr campestre que ella conservava entre os dedos; e aquelle facto anormal, que em outro caso a maguaria, deu-lhe uma sensação tão doce, que, n'um movimento irreprimivel, quasi abriu a mão para facilitar a ousadia.

E comtudo, interrogando a sua alma, via que o seu amor por Estevam não desaparecera, e imperava ainda no seu coração com a mesma singular vehemencia. Isto impressionava-a. Como? Pois ella seria tão exuberante de ternura, que pudesse amar sinceramente e simultaneamente, dois homens? Ou então, seria ella tão fútil que esses affectos, que ella julgava verdadeiros e sérios, não fossem mais do que irresponsaveis caprichos de sensibilidade? Não! Embora a voz de Silvestre fosse ainda nova no seu coração, tinha qualquer coisa que despertava no seu ser uma confusa serie de sensações. No amor que em si sentia nascer por esse rapaz, havia uma estranha vehemencia, talvez a primeira faísca de um fogo de paixão que nunca Estevam conseguira accender na sombra affectuosa do seu peito. O pupillo do sacristão apenas lhe despertara uma ternura singular, sem excessos, sem vehemencias, — e que, pela serenidade, que sempre conservava, parecia

isolar-se d'esse escondido desejo de posse, que torna mais fortes e impetuosas as effusões de quem ama.

Estes problemas de sensibilidade, começavam a perturbar, já afflictivamente, os pensamentos de Rosalia. Tinha jurado ser de Estevam, amal-o, desposar o a todo o transe; e aquella brusca revolta dos seus sentimentos deixava-a confusa, receiosa, com remorsos de essa infidelidade para a qual o seu coração despotico fugia.

Silvestre continuou a visitar a casa do Palmeirão já com o tio conego, já desacompanhado, a pretexto da demanda de D. Florencia; e Rosalia, sob os seus olhos, tinha um prazer quasi voluptuoso em sacrificar Estevam e mostrar ao novo senhor do seu coração, o contentamento que a invadia n'algum rapido instante em que, furtivamente, podiam fallar sem testemunhas. N'um e n'outro, a chamma amorosa ia lavrando, cada vez com mais impeto; escreviam-se diariamente; e, apesar d'isto, Rosalia continuava a aceitar as cartas de Estevam, e a concorrer, sem a menor irregularidade, ás entrevistas nocturnas, no jardim. Exprobrava-se intimamente d'esta fraqueza, mas por mais esforços que tentava, era impossivel vencê-la.

Assim correu todo o mez de setembro; outubro ia em meio, e já duas vezes as senhoras do Palmeirão tinham ido a Setães, assistir ás colheitas, em companhia do conego e do sobrinho.

Por este tempo, Clarinha a filha querida do José Elias, mais definhada, com ar doente perseguia mais do que nunca, Estevam solicitando a sua ternura de uma maneira febril, e deixando descobrir, quasi, o seu segredo diante da familia, com effusões impertinentes.

Uma noite, no fim de outubro, entrou ella no quarto de Estevam, com a face tingida por um lindo rubor de alvoroço.

— Tu lembras-te do que eu te disse, ha tempos? — exclamou ella, antes que o rapaz pudesse fallar.

— O quê?
— D'uma coisa, que eu desconfiava...
— Ah! bem sei, a tal coisa boa... — fez elle, n'um sorriso. — E então, foi pela agua abaixo, não é assim? Que admira, se ella era boa!...
— Não, não; olha p'ra mim...
— Estou a olhar.
— E então não vês nada?
— Que hei-de eu ver? Vejo-te a ti, e já não é pouco.

— Mas não vês nada em mim?... Olha bem, repara...

E fez um movimento tão expressivo, pondo em evidencia o volume entumecido do ventre, que o rapaz exclamou, descorando:

— O quê?... Tu estás grávida!...
Ella saltou-lhe alegremente ao pescoço;
— E' o nosso filho, é o nosso filho!

E era tão cega a sua alegria, que não notava a violenta expressão de desespero que, n'aquelle instante, vincava a physionomia de Estevam.

(Continua.)



Recebemos e agradecemos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. 13.ª serie — n.º 9. — Forma este boletim o notavel trabalho historico de Luciano Cordeiro: *Uma sobrinha do infante, imperatriz da Allemanha e Rainha da Hungria.*

Curiosissimo estudo, sob a fórma de graciosa monographia que formará um notabilissimo repertorio de historia intitulado: *Portuguezes fóra de Portugal.*

Relatorio e contas do asylo dos orphãos desvalidos da freguezia de Santa Catharina. Lisboa. 1894. — Este bem redigido relatorio foi lido na sessão sole mne do 36.º anniversario da inauguração do mesmo asylo no 1.º de janeiro de 1894. Pela leitura deprehende-se o estado florescente d'esta utilissima instituição á testa da qual estão cavalleiros dignos de todo o elogio. Abre este relatorio uma bonita poesia do sr. Florencio Ferreira.

Almanach e preço corrente. Brinda de Jeronymo Martins & Filho. Lisboa. — E' um gracioso folheto contendo a indicação dos excellentes productos comestiveis nacionaes e estrangeiros que n'aquelle importantissimo estabelecimento se encontram.

Union Ibero Americana. Revista mensal. N.º 112 4 Enero 1895. — Com o presente numero entrou, esta apreciada revista no seu 10.º anno; vem, muito curiosa nas suas secções.

La Quinzaine, première année. N.º 4 15 Décembre, 1894.

No presente numero publica esta revista alguns ineditos de Maurice de Guérin, um eloquente e gracioso artigo em que M.ª Emilia de Saint Auban estuda os mestres da musica sagrada; um proficiente estudo historico sobre *Armand de Chateaubriand*, por G. de Contades. *Parisette*, eacantador idyllio conjugal, que tem lugar no alto da Torre Eiffel e uma rythmica poesia de Vavasour, bosquejando o inverno.

O que forma um conjuncto de leitura agradável, delicada, escripta e bafejada por uma certa delicadeza de estylo que muito prende e captiva o leitor.

Voz de Santo Antonio. N.º 1 Revista Mensal. E' o orgão da Pia União, que ultimamente se começou a publicar. E' illustrado, impresso a preto e azul e a capa tem uma composição adequada.

Longa vida ao sympathico periodico, para edificação dos que seguem na esteira religiosa e d'aquelles a quem os afervora a religião da patria.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1895

Está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade de artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Lourico, 25 a 37